

## Os Sofrimentos do Jovem Werther: do Sturm und Drang à contemporaneidade

Rebeca Ferreira Peruquetti<sup>1</sup>

Jaquelyne da Silva de Campos<sup>2</sup>

Natalia Corrêa Porto Fadel Barcellos<sup>3</sup>

**Resumo:** Mais de duzentos anos após sua primeira publicação, a obra *Os Sofrimentos do Jovem Werther* é ainda capaz de despertar sentimentos e opiniões diversas, muitas vezes conflitantes, ao tratarmos do jovem que morreu de amor na recusa de uma vida marcada por privações, que o impediam de concretizar um desejo tão genuíno. O romance epistolar do então jovem escritor Johann Wolfgang von Goethe hoje conta com algumas releituras, paródias e três adaptações para o cinema. Sabemos, certamente, que *Werther* foi responsável por consolidar, na literatura, uma revolução, lançando para o mundo umas das manifestações artísticas nacionais e autênticas do povo germânico, que já não se pautava nos clássicos moldes importados da França, como já nos apontava a Dramaturgia de Hamburgo, de Lessing. Seja por sua enorme repercussão, em escala global, seja pela trama memorável, guiada pelo sentimentalismo exacerbado de seu protagonista, a produção é, por vezes, lembrada como ponto de virada para o início do Romantismo na Europa, sendo denominada por parte do público e crítica como “pré-romântica”. No entanto, a partir de sua integração em um contexto artístico-literário exclusivamente alemão, o *Sturm und Drang*, essa obra será analisada tanto em sua relação intrínseca com os preceitos adotados por muitos artistas do período, quanto em uma possibilidade de leitura outra, que se abre a partir daí: a construção de um caráter crítico às configurações sociais da época, feita por Goethe, logo em seu primeiro trabalho de grande sucesso. Veremos que, utilizando-se das características dominantes do movimento referido, isto é, a expressão dos sentidos, das paixões, das emoções consolidadas no espírito libertário da segunda metade do século XVIII, a narrativa pode então direcionar-se para o questionamento daquilo que retrata, especialmente a figurativização de Werther como herói ideal e revolucionário, dadas as circunstâncias sobre as quais a diegese se constrói, como a focalização e voz narrativa que gradativamente postulam o caráter dúbio e contraditório do protagonista através do romance.

**Palavras-chave:** Johann Wolfgang von Goethe; *Os Sofrimentos do Jovem Werther*; Sturm und Drang.

**Abstract:** More than two hundred years after its first publication, the literary work *The Sorrows of Young Werther* remains able to provoke different feelings and opinions – many times put in conflict – when dealing with the young man who died of love in his refuse to a life bounded by deprivations, which were stopping him from conquering such a genuine desire. The epistolary novel of the young writer then Johann Wolfgang von Goethe has today a few remakes, parodies and three movie adaptations. We certainly know that *Werther* was responsible for reaching in literature a revolution, releasing to the world one of the national and authentic artistic expressions from the German people, who at that time were no longer involved with the classical patterns brought from France, as already pointed at Hamburger Dramaturgy by Lessing. For either its huge popularity, in a global scale, or even its remarkable plot, conducted by the protagonist’s exaggerated sentimentality, this work is commonly associated as a turning point to the beginning of Romanticism in Europe, being denominated as ‘pre-romantic’. However, from its integration within an artistic-literary context exclusively German – the *Sturm und Drang* – the mentioned writing will be analyzed in terms of both its intrinsic relation with the concepts taken by many artists of that period, as well as another interpretative possibility that opens up from it: the building of a criticism concerning

<sup>1</sup> Graduada em letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”; Rebeca.f.peruquetti@unesp.br

<sup>2</sup> Graduada em letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”; jaquelyne.campos@unesp.br

<sup>3</sup> Docente da área de Língua e Literatura Alemã na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. UNESP, campus de Araraquara; Doutora pela Universidade Livre de Berlim; natalia.barcellos@unesp.br

that time's social organization basis, enabled by Goethe, right during his first successful work. We may glimpse throughout the dominant characteristics from this period in question – the emotions, passions and feelings expression afforded by the free spirit from the second half of the 18th century - that the narrative can relocate itself for the questioning of what it portrays, especially when it comes to Werther's figurativization as the ideal and revolutionary hero, once given the circumstances over which the diegesis is built, like the focalization and the narrative voice, that gradually reveal the protagonist's dubious and contradictory personality, whereby the novel.

**Key-words:** Johann Wolfgang von Goethe; The Sorrows of Young Werther; Sturm und Drang

### Introdução

Se a afirmação do sujeito é ainda decisiva para determinar o sucesso de uma obra da ficção, talvez isso, em muito, explique a popularidade de uma obra como *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, discutida até os dias de hoje. O primeiro trabalho de sucesso do jovem escritor Johann Wolfgang von Goethe, finalizado em quatro semanas no ano de 1774, representou também a ascensão de uma literatura nacional alemã que, a partir de seu primeiro *best-seller*, ganha projeções internacionais. O “Efeito de Werther” (ALMEIDA, 2000), cunhado mais tarde pela psicologia, bem representa o que a literatura foi capaz de proporcionar à sociedade naquele momento: jovens inauguram os primeiros *cosplays* vestindo-se de calções amarelos e jaquetas azuis; a quantidade de suicídios atribuídos ao romance é tanta que resulta em uma série de banimentos e até a queima pública de milhares de exemplares em Milão, a mando do Arcebispo (BROWN, 1913).

A princípio, o romance nos parece inofensivo - em sua busca pelo contato com a natureza e as maravilhas de sua liberdade, Werther é conduzido pelas dores do amor proibido ao se apaixonar perdidamente por Carlota. Mas a “obra imoral”<sup>4</sup> (BACKES, 2010, p. 5) conduzida magistralmente por Goethe não abateu toda uma geração por acaso. A fúria do jovem burguês é breve e implacável, pois assim se consolida o espírito livre do homem moderno, disposto a se afirmar no mundo ainda que por meio da morte, na recusa de uma vida de privações e infelicidade.

Para entender como os valores de uma nova geração se refletiram na obra, garantindo sua enorme repercussão - em alguns casos, fatal - nos colocaremos, primeiramente, sob a ótica do movimento *Sturm und Drang* que, em resumo, colocou em perspectiva a necessidade de renovação e libertação artística e existencial de valores antigos, tanto monárquicos quanto burgueses, consolidando, através de suas obras, a reflexão de tensões políticas, sociais e econômicas.

---

<sup>4</sup> Título dado ao romance pelo bispo, Lorde Bristol, ao tomar conhecimento da quantidade de suicídios supostamente influenciados pela publicação, ao que Goethe lhe responde: “[...] se ele falava nesse tom do seu pobre Werther, com que tom deveria falar dos poderosos da terra. Com um traço de sua pena, eles mandam milhares de pessoas à guerra – onde estas se matam e se trucidam –, enquanto a própria Igreja agradece aos céus por isso e lhes entoa um *Te Deum* em louvor. (BACKES, 2010, p.5)

A seguir, procuraremos abarcar as especificidades do movimento *Sturm und Drang* sob três perspectivas, a saber: *O Sturm und Drang em contexto*, *Os Sofrimentos do Jovem Werther sob a ótica do Sturm und Drang* e *Sturm und Drang e o homem no mundo*. Desta forma, procuramos conduzir uma análise das manifestações marcantes do período, buscando demonstrar em que medida elas se revelam na obra em questão, bem como sua relação intrínseca com o olhar antropológico responsável por guiar as produções artísticas para além da Literatura neste dado contexto. Por fim, em *Werther no caráter crítico de Goethe*, discorreremos acerca do questionamento da figura de seu protagonista como herói, ideal e autêntico; uma vez identificada a iminência de uma reflexão crítica pelo autor que, através do romance, abre-nos caminhos para novas possibilidades de leitura.

### **O *Sturm und Drang* em contexto**

A origem do *Sturm und Drang*, a partir do século XVIII em solo germânico, se deu como forma de reação ao Iluminismo (*Aufklärung*), em respeito, sobretudo, a seu racionalismo exacerbado e a objetividade da época, como bem descrevem as autoras Baumann e Oberle ao tratarem do movimento. Em resumo, o “primeiro movimento revolucionário da juventude” (BAUMANN, OBERLE, 1985, p. 89)<sup>5</sup> ganha forma com a geração dos nascidos em 1750, que iriam combater os modelos franceses vigentes, ou seja, o Classicismo que conduzia os preceitos artísticos do período, de forma a deixar pouco espaço para a originalidade. As tensões entre o velho e o novo mundo, que culminam em muitas obras do movimento, já se refletiam nas transformações geopolíticas e sociais da época: a guerra pela independência das colônias inglesas na América; *Unabhängigkeitskrieg* (1775 - 1783), a crescente agitação política na França que resultaria na revolução de 1789, e a constante instabilidade político-territorial dos estados independentes no descentralizado Sacro Império Romano-Germânico. Sobre isso, especialmente à situação da “Alemanha”, Daniela Mercedes Kahn pontua em complemento:

O *Sturm und Drang* é a versão germânica da revolta da burguesia, responsável pelas intensas convulsões sociais que desencadearam a Revolução Francesa no país vizinho. [...] a classe média alemã teve como pano de fundo de sua ascensão tardia a evolução desigual dos diversos principados que constituíam o país. Não havia, portanto, naquele momento, em solo germânico, uma articulação social de alcance nacional. Sequer ainda estava em pauta o projeto de uma nação unificada. (KAHN, 2014, p.12)

Nesse contexto, Goethe foi um dos principais porta-vozes do movimento. O nome *Sturm und Drang* - derivado de uma peça homônima de F. M. Klinger (1777) - bem traduz sua essência. A partir das traduções de Shakespeare, a nova geração de artistas na Alemanha passou a

---

<sup>5</sup> „erste revolutionäre Jugendbewegung“ [tradução nossa]

vislumbrar a possibilidade de uma anarquia poética em combate a estética neoclassicista importada da França; assim, o escritor alemão põe em prática uma originalidade estética pautada em novos ideais artísticos. Além disso, Goethe foi responsável por criar um sentimento de nacionalidade e reafirmar a cultura alemã, ao retomar o passado histórico de sua nação, trazendo à tona uma revolta crítica alicerçada em emancipação e valores libertários, concretizando, também, no campo literário, uma revolução.

Johann Wolfgang von Goethe, ao trazer novos modelos estéticos para a literatura, acaba por possibilitar aos jovens artistas de seu período uma identificação com as ideias que giravam em torno do *Sturm und Drang*, promovendo, dessa forma, a inauguração de uma nova era da arte literária no país. Vemos que a ânsia de liberdade burguesa acabou por repercutir na arte, encontrando nela uma forma de expressão e concretização desse espírito libertário. Podemos dizer que o movimento visa a expressão dos sentidos, das emoções, das paixões, ou seja, os artistas acreditavam serem essas as maiores virtudes do homem e, assim, tinham como inspiração e modelo de realização a própria criação divina. Como iremos adentrar no tópico a seguir, a todo momento da narrativa, esses valores são estabelecidos; desde as observações de Werther acerca de sua afeição às crianças que, segundo ele, movem-se puramente guiadas pelos desejos, até sua trágica morte, postulando a autonomia das paixões, capaz de enfrentar as últimas consequências e consolidar seu espírito livre.

Dessa forma, o livro *Os sofrimentos do jovem Werther* concretiza todos esses ideais característicos do gênio do *Sturm und Drang*, enaltecendo “a importância da vivência subjetiva. Ela ganha plena expressão na espécie de diário epistolar que corresponde ao formato predominante da obra”. (KAHN, 2014, p.12).

### **Os Sofrimentos do Jovem Werther sob a ótica do *Sturm und Drang***

Como vimos, o *Sturm und Drang* é um movimento que preza a valorização das emoções, da subjetividade, do misticismo e das paixões. Ademais, umas de suas principais características é o reconhecimento da natureza como inspiração para a expressão da criatividade e do sublime. Diferentemente dos artistas clássicos, que procuravam representar a natureza mimeticamente, os artistas do *Sturm und Drang* viam essa como um modelo artístico e puro, a máxima expressão do divino, a qual a arte deveria se igualar.

Esse movimento visava promover uma produção artística voltada aos sentimentos, aqueles que se ligavam ao amor e a liberdade, ou seja, era uma forma de reação à racionalidade do movimento iluminista e, também, aos valores aristocráticos. A obra *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe, traduz de forma clara todos esses preceitos da nova estética iniciada na Alemanha, assim, podemos ver no prefácio da obra, escrito pelo próprio Goethe, as características marcantes do *Sturm und Drang*, que permeiam todo o romance, como,

por exemplo, o sentimentalismo exacerbado (*Empfindsamkeit*) e o culto a intensidade das emoções do homem.

Tudo aquilo que me foi dado encontrar na história do pobre Werther, eu ajuntei com diligência e agora deposito à vossa frente, sabendo que haveis de me agradecer por isso. Não podereis negar vossa admiração e vosso amor ao seu espírito e ao seu caráter, nem esconder vossas lágrimas ao seu destino. E tu, boa alma, que sentes o ímpeto da mesma forma que ele o sentiu, busca consolo em seu sofrimento e deixa que o livreto seja teu amigo se, por fado ou culpa própria, não puderes achar outro mais próximo do que ele. (GOETHE, 2010, p. 7)

Vemos no livro uma intensa relação entre as emoções experienciadas por Werther no decorrer do romance e a paisagem local, ou seja, há uma harmonia entre a atmosfera das cartas e seus sentimentos, “dessa forma, o estado de espírito do narrador-protagonista está em consonância com o ciclo mais amplo das estações do ano” (KAHN, 2014, p.14). Assim, em princípio, Werther sente-se feliz e seus escritos reproduzem esses sentimentos ao retratar a relação deste com a natureza de Wahlheim, que se expressa com grande admiração.

Reina em minha alma uma serenidade maravilhosa, semelhante à das doces manhãs de primavera que procuro fruir com todas as minhas forças. Estou só e abandono-me à alegria de viver nesta região criada para as almas como a minha. Estou tão feliz, meu amigo, e de tal modo mergulhado no tranquilo sentimento de minha existência [...] Quando em torno de mim se exalam todos esses aromas deste vale encantador, o sol alto procura devassar a impenetrável penumbra da minha floresta, e apenas alguns dos seus raios conseguem insinuar-se no interior deste santuário [...] e o mundo em redor e o céu infinito repousam em minha alma como a imagem da mulher amada. Então, frequentemente suspiro e digo a mim mesmo: Ah, se você pudesse exprimir tudo isso! Se pudesse passar para o papel tudo o que palpita de você com tanto calor e plenitude, de modo que essa obra se tornasse o espelho de sua alma [...] (GOETHE, 2010, p. 14-15).

Nas últimas cartas de Werther, vemos todo o seu sofrimento sendo retratado. O protagonista torna-se cada vez mais impulsivo, sem controle sobre suas emoções. A alegria e os sentimentos bons vivenciados no princípio acabam desaparecendo e, assim, Werther não encontra mais prazer nas vivências com Lotte, pois sabe que seu amor não será correspondido. Para expressar a amargura daquilo que sente, o protagonista passa a retratá-la através de suas cartas, o que se torna perceptível pela mudança e pela impulsividade e exaltação em sua prosa.

Ó pai que eu não conheço... Pai que outrora enchias toda a minha alma, e que agora desviaste a face de mim, chama-me para ti! Não emudeças mais tempo! O teu silêncio não deterá a minha alma sedenta... E um homem, um pai, poderia irritar-se ao ver o filho que volta inesperadamente e se joga em seus braços exclamando: “Eis-me de volta, meu pai, não vos zangueis se interrompo uma viagem que, segundo vossas ordens, eu devia agüentar mais tempo. O

mundo é igual por toda parte e por toda parte vive de penas e trabalhos, recompensa e prazer. Mas que me importa tudo isso? Só estou bem onde tu estás, e quero sofrer e gozar na tua presença!” (GOETHE, 2010, p. 63)

### ***Sturm und Drang e o homem no mundo***

É interessante pensar que, diante das configurações sociais, políticas, econômicas e culturais em que vivemos hoje, torna-se um exercício bastante difícil compreender a natureza desses valores para, assim, nos associarmos de forma mais eficiente e/ou imersiva na leitura do romance em questão. No entanto, um olhar mais atento para a inserção do movimento na arte literária nos torna capazes de vislumbrar, em uma perspectiva mais ampla, o estabelecimento do indivíduo no mundo, especialmente na natureza, segundo os preceitos daqueles artistas, o que nos possibilita, conseqüentemente, melhor compreender as raízes dessa relação, concretizada por Goethe em sua obra, através de Werther.

Os artistas do movimento *Sturm und Drang* acreditavam que a arte era responsável pela mediação entre o homem e a Natureza, assim, através dela tornava-se possível a exteriorização das forças do mundo natural. Portanto, preza-se, no campo artístico, a liberdade individual e os sentimentos impetuosos, dessa forma, colocando a razão em segundo plano. Segundo Otto Maria Carpeaux afirma em *A Literatura Alemã* (1994, p. 65):

Um “gênio” é aquele que não precisa de regras para comover e edificar. ‘Genial’ é a poesia sem imitação dos antigos e ‘genial’ é a religiosidade livre, sem dogmas. Os pré-românticos alemães pretendem viver e escrever sem e contra as regras da sociedade e da literatura do século; por isso julgam-se “gênios”.

Ainda em evidência à ideia de *gênio* para os artistas do período, encontramos, em assentimento com a definição proposta por Carpeaux, sua classificação segundo o dever de uma personalidade abrangente da “individualidade, sensibilidade, coração, razão, fantasia e emoções inseridas em um ‘caos frutuoso’”<sup>6</sup> (BAUMANN; OBERLE, 1985, p.91). Como já abordamos aqui, o desprendimento do fazer literário com os moldes clássicos franceses foi determinante para a fundação de um novo pensamento de mundo, refletido em muitas obras do período e, segundo Backes (2010), o que temos no caso de Werther é o primeiro romance na história da Literatura Universal em que seu protagonista parte em busca do absoluto através das próprias experiências, de vivências íntimas, do amor ao próximo e de sua relação com a natureza.

De fato, tudo na obra parece estar sendo construído para a afirmação do sujeito. Logo de início, em sua primeira carta, a figura do eu se manifesta tão imponente, que parecemos

<sup>6</sup> Die alles umfassende Persönlichkeit des Genies sollte Individualität, Sinnlichkeit, Herz, Vernunft, Phantasie und Gefühl in einem „fruchtbaeren Chaos“

não ter certeza da real imagem do outro, sempre tomada, a partir da voz narrativa, exclusivamente pela opinião de Werther.

Quero gozar o presente e o passado será passado para mim. É claro, caríssimo, que tu tens razão. As dores dos homens seriam menos agudas se eles não... Deus sabe por que eles são feitos assim! Se ocupar com tanta assiduidade da fantasia, chamar de volta a lembrança dos males passados, ao invés de tornar o presente suportável [...] (GOETHE, 2010, p.8)

Dessa maneira, entendemos, de imediato, a importância de sua subjetividade, afirmada e registrada no endereçamento narrativo da personagem, responsável por conduzir o romance rumo ao que chamamos de absoluto. Seu empirismo abate a tudo e a todos, a própria natureza, como verificamos anteriormente, parece ajustar-se à alma de Werther; sua presença é tão avassaladora que quase não permite a aparição escrita, por meio da voz narrativa, de seus correspondentes, e, por vezes, quando incomodado pelo próprio discurso, que se recai demasiadamente sobre o outro - à exemplo, tratando-se da própria mãe - ele declara: “Resumindo, não me agrada continuar escrevendo acerca disso [...]” (GOETHE, 2010, p. 8). Veremos, a seguir, que essas características, igualmente fundamentais à análise do romance, nos lançam, concomitantemente, a novas perspectivas, ressignificando nosso parecer crítico que se recai sobre a composição narrativa de Goethe.

### **Werther no caráter crítico de Goethe**

Feitas essas considerações, somos lançados à compreensão de relações intrínsecas que, por muito tempo, se mostraram inerentes ao estudo da obra referida, como a relação homem e natureza e subordinação no pensamento lógico racional, como destacamos no tópico acima. Em um nível fundamental de leitura, a oposição de valores carregados pelas personagens, sobretudo, a fúria sentimental de Werther em contraposição ao mundo em que vive, é explorada, com vigor, pelo público e crítica em geral, na tentativa de interpretar os temas e sentidos do texto literário. O próprio referencial teórico aqui também utilizado para tratar do *Sturm und Drang - Deutsche Literatur in Epochen* - nos sugere palavras chave para melhor entendermos o movimento: *Natur, Genie, Kraft, Leidenschaft, Gefühl*. Esses termos, certamente quando descontextualizados, podem sugerir uma perfeita ligação entre a subjetividade, tematizada pelos autores, e o amor romântico, certamente perseguido a qualquer custo na permanência dos desejos humanos. A esse respeito, podemos sugerir a comum associação entre o movimento literário em evidência como sendo um “Pré-Romantismo”, ainda que o primeiro se trate de um fenômeno exclusivamente alemão, de breve duração, uma vez pertencendo a uma geração específica: a dos nascidos por volta de 1750, também de acordo com Baumann e Oberle.

Esse “primeiro movimento revolucionário da juventude”, na literatura alemã, foi trazido pela geração dos nascidos por volta de 1750. A partir de seus posteriores desenvolvimentos para um novo estilo (ou o seu silêncio), morreu novamente o movimento *Sturm und Drang* em meados de 1785. (BAUMANN; OBERLE, 1985, p.89)<sup>7</sup>

Além disso, é também conveniente citar outra comum associação, desta vez entre autor e personagem, que a partir de dados biográficos misturados à ficção - o amor também não correspondido entre Goethe e Charlotte Buff - coloca o amor romântico como tema central do romance.

Entretanto, já vimos aqui que os artistas pertencentes ao *Sturm und Drang* vislumbravam também a transformação artística e existencial dos Estados alemães, na Literatura, presos a uma poética pouco original e, na vida política, a uma aristocracia decadente, denunciada também na *Dramaturgia de Hamburgo*, de Lessing. Partindo desse princípio, a subjetividade exacerbada e o amor romântico que encontramos em *Os Sofrimentos do Jovem Werther* nos permitem encontrar subtextos que, evidentemente, fundamentam a reflexão do autor acerca da ordem vigente naquele período.

Certamente a personagem de Werther ainda é capaz de despertar no leitor sentimentos e emoções conflitantes. Se ora a universalidade de seus dilemas humanos e o impasse amoroso promovem a identificação, suas atitudes e pensamentos acerca disso se tornam tão repetitivos e obsessivos que podem emplacar o desinteresse na leitura. Mas em que momento a introspecção de Werther pode ser lida como crítica em sua representação de determinado grupo ou classe social?

Poderíamos dizer, em contrapartida, que o desenvolvimento do protagonista de modo a suscitar uma grande antipatia em parte do público leitor nunca fora de caráter proposital por seu autor e que, simplesmente, imprimimos uma leitura anacrônica sob valores filosóficos existentes na obra que, para a época, faziam todo sentido. Ainda que seja essa uma argumentação bastante lógica e significativa, é quase impossível idealizar Werther, principalmente ao tratarmos de temas e reflexões universais e atemporais à vida humana; a mesma identificação que encontramos no amor e nos dilemas da existência nos afastam dele enquanto, gradualmente, a introspecção do protagonista nos faz duvidar dos fatos por ele narrados e, nesse caminho, somos conduzidos a voz narrativa de seu editor, pois Werther parece incapaz de conceber a realidade.

---

<sup>7</sup> “Diese „erste revolutionäre Jugendbewegung“ in der deutschen Literatur wurde von der um 1750 geborenen Generation getragen. Mit ihrer Weiterentwicklung zu einem neuen Stil (oder ihrer Verstümmung) starb die Sturm und Drang-Bewegung etwa um 1785 bereits wieder ab.” [tradução nossa]



A aparição de Guilherme para retomar os fatos narrados não pode ser arbitrária, já que ele mesmo é raramente mencionado no romance epistolar que mais parece um diário - quando há qualquer marca enunciativa de uma correspondência entre remetente e destinatário, vemos apenas Werther rebatendo os comentários do amigo a respeito de seu sentimentalismo exacerbado e sua inabilidade para seguir em frente: “Podes tu exigir deste desgraçado, cuja vida se apaga minada por um lento e incurável mal, que ponha fim aos seus tormentos com uma punhalada?” (GOETHE, 1774, p. 31). Esse caráter confessional, focalizado quase absolutamente em Werther (e por sua voz) tornam as raras aparições de Guilherme essenciais na medida em que cumprem um propósito específico: afirmar aquilo que o leitor já poderia reconhecer.

Na página final do romance, descobrimos que o protagonista, já morto, estava lendo a peça mais representativa do teatro burguês: *Emilia Galotti*. Assim como sua protagonista homônima (no caso, pelo heroísmo do pai), Werther encontra na morte sua libertação, na recusa por sucumbir as circunstâncias daquela realidade; entretanto, àquele momento da narrativa, é extremamente duvidoso chamá-lo de herói, quanto mais de herói burguês, à semelhança das personagens de Lessing. A imagem da burguesia que construímos ao fim da leitura em nada se parece com aquela propagada vigorosamente pelo dramaturgo; na verdade, pouca diferença podemos encontrar entre a nobreza aristocrática e a classe burguesa, igualmente decadentes à nossa leitura de Goethe.

Werther, em suas primeiras cartas, parece personificar a própria revolução. Como já descrevemos aqui, junto da natureza, nada parece impedi-lo de concretizar sua afirmação como sujeito. Muito tem ele a dizer e especialmente a criticar: detesta o mau humor dos homens, o abismo social entre as classes, por mais que sua divisão seja “necessária” (GOETHE, 2010, p. 44) a atribuição de ofícios aos homens, a objetividade dos sentimentos individuais sob o julgamento da lei, Alberto, o Príncipe a quem passa a acompanhar, etc...

Pois bem: nada me incomoda tanto como ver os homens se atormentarem mutuamente, sobretudo quando são jovens e estão à flor da idade e, ao invés de gozar com a maior franqueza as alegrias que a vida proporciona, ficam a deteriorar os poucos dias agradáveis que lhes são reservados com tolices, para só perceberem demasiado tarde como é irreparável tudo o que perderam sem desfrutar. Aquilo me mortificou e quando, ao anoitecer, já de volta ao presbitério, tomávamos leite à uma mesa, tendo a conversa recaído sobre as mágoas e os prazeres da vida, não pude impedir-me de agarrar a ocasião pelos cabelos e falar fervorosamente contra o mau humor.” (GOETHE, 2010, p. 23-24)

A princípio, vislumbramos a possibilidade dos impactos narrativos de seus discursos, no sentido de sua afirmação no mundo ou mesmo de promover a transformação, pois, segundo Werther, todos parecem adorá-lo e se comovem diante de suas falas, em alguns casos, vertendo lágrimas. O que acontece, no entanto, é que à medida que o romance progride e,

consequentemente, as frustrações e lamentações do protagonista se intensificam, percebemos que, de fato, nada aconteceu além disso. Suas palavras representam apenas sua introspecção psicológica, carregada de uma série de contradições que culminam em nosso julgamento dubio da veracidade dos fatos que ali se sucedem: apesar de todo o seu engajamento em apontar, fervorosamente, tudo o que lhe desagrada, Werther não é capaz de consolidar nenhum de seus desejos: não concretiza o amor que sente por Carlota; é abatido pelo “mau humor” que tanto despreza, desapegando-se, pouco a pouco, da própria vida; não é capaz de salvar o rapaz condenado por assassinato, a quem Werther tanto estimava pela natureza de seus sentimentos; não consegue sublimar suas frustrações, seja pela arte, seja pelo ofício. Não tem objetivos concretos, sua jornada pode ser resumida em criticar a mesma sociedade que o sustenta, até que ele decide libertar-se dela.

Toda essa construção, evidenciada ao longo da leitura, chega a seu ápice com os esclarecimentos de Guilherme, pois a partir disso, o foco narrativo dirige-se também às demais personagens para o esclarecimento e apuração dos fatos: “Procurei recolher os pormenores exatos da boca daqueles que poderiam estar melhor informados a respeito de sua história [...] A harmonia de seu espírito estava de todo destruída, um fogo interno e violento, que lhe minava e confundia todas suas faculdades [...]” (GOETHE, 2010, p. 65).

É assim que, ao final do romance, apreendemos a imagem do jovem burguês - egoísta, introspectivo, passivo as próprias circunstâncias, hipócrita, obsessivo, delirante - em suma, incapaz de agir sobre a própria realidade, de transformá-la, e incapaz de seguir em frente. Podemos, é claro, à imagem do período, sentir compaixão pelo pobre Werther de Goethe, mas suas atitudes, reveladas tanto pela diegese, quanto por sua estrutura narrativa, praticamente inviabilizam sua idealização nessa possibilidade de leitura.

### **Conclusão**

Sabemos que a obra de Goethe não se consolida tão somente em Werther ou mesmo no *Sturm und Drang*. No entanto, os impactos globais de seu primeiro romance de sucesso desdobram-se em discussões que se estendem realidade vigente, mais de duas décadas após sua publicação. Talvez o maior triunfo de Goethe, em termos de manter sua obra viva no presente, tenha sido o caráter dúbio, tanto do protagonista - amado e odiado, ontem e hoje - quanto dos fatos narrados, efeito comum à seleção de uma estrutura narrativa pautada na subjetivação. Isso implica que nossa leitura acerca do caráter crítico de Goethe em Werther é certamente palpável, à semelhança de outra obra marcante do *Sturm und Drang*, ainda que não em popularidade, *O Preceptor* de Jakob Lenz; concretizando, assim, um retrato da burguesia, em nada capaz de liderar a revolução tão almejada pelos iluministas e pelo teatro de Lessing.

Projetamos que aí se encontre a aproximação entre as figuras do autor e personagem, burgueses, e não na construção do sentimentalismo exacerbado, segundo inúmeros apontamentos feitos ao associar a imagem de ambos, partindo das coincidências entre a vida (Goethe amava Charlotte) e a obra (Werther ama Charlotte) do escritor. No entanto, essa leitura em nada impede a exploração, em sua relevância, de temas e figuras também fundamentais, inerentes à obra como vimos aqui; a relação homem-natureza; a exploração dos desejos humanos em desafio à ordem social, a introspecção psicológica de uma personagem e suas consequências para si e para o outro. Todo esse caráter subjetivo, antropocêntrico que a literatura testemunha desde o drama elisabetano de Shakespeare, na transição para a Renascença, se reflete até hoje, não somente na literatura, mas na ficção em geral. Goethe, na perspectiva do *Sturm und Drang* e sua obra tão representativa *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, concretizou importantes pontos de virada à literatura germânica, seja pelo caráter de denúncia à classe burguesa, seja pela revolução estética proporcionada por seu desprendimento a uma arte importada, convencionada e, por isso, pouco original. Ou seja mesmo pela imensa popularidade do jovem que morreu de amor, Werther tem nos garantido, desde então, discussões tão ricas acerca de temas universais e humanos, com seus duvidosos subtextos e possibilidades de leitura como fizemos aqui.

### Referências

- ALMEIDA, Ana Filipa. **Efeito de Werther**. Aná. Psicológica, Lisboa, 2000, v. 18, n. 1, p. 37-51. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312000000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312000000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 28 nov. 2020.
- BACKES, M. **PREFÁCIO**. In: GOETHE, J. W. *Os sofrimentos do Jovem Werther*. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- BAUMANN, B. OBERLE, B. **Deutsche Literatur in Epochen**. Munique: Hueber, 1985, p. 89 - 100.
- BROWN, Peter Hume. **The youth of Goethe**. Londres: J. Murray, 1913, p.197. Disponível em: <https://archive.org/details/youthgoethe00browuoft>. Acessos em 28 nov. 2020.
- CARPEAUX, O. **Literatura Alemã**. São Paulo: Nova Alexandria. 1994.
- GOETHE, J. W. **Os sofrimentos do Jovem Werther**. Tradução de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- KAHN, D.M. **Os sofrimentos do jovem Werther: A implacável justaposição de amor e dor**. In: GOETHE, J. W. *Os sofrimentos do Jovem Werther*. São Paulo: Martin Claret, 2014.